



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante entrega do 2º prêmio Práticas Inovadoras de Gestão, 1º Prêmio Nacional de Estudos, 1ª Mostra Nacional de Estudos e prêmio Josué de Castro de Boas Práticas em Gestão de Projetos em Segurança Alimentar e Nutricional

Academia de Tênis – Brasília-DF, 25 de novembro de 2008

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias,

Meu querido companheiro ministro da Saúde, José Gomes Temporão, Governadora do estado do Pará, Ana Júlia Carepa,

Nosso querido governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues Filho, Senhora Ana Maria de Castro,

Senhoras e senhores agraciados, Nádia Lúcia da Costa Soares, Viviane dos Santos, Faisão Cury, Felipe Evia, Luiz Carlos Bazel e Walmir Assunção,

Companheiros deputados federais Eugênio Rabelo, Fernando Ferro e Doutor Ubiali,

Meus amigos, minhas amigas,

Companheiros e companheiras da área de gestão social,

Patrus, eu estou com um problema de tempo, porque tenho que ir ao Rio de Janeiro e pegar o voo às 5h. Portanto, hoje não terá improvisado, será apenas o meu escrito aqui, curto, sem ser grosso.

Primeiro, eu acho que nós precisamos, aqui, depois da extraordinária citação do companheiro Patrus, Rosane, eu penso que nós deveríamos –



ontem eu já prestei, num evento – prestar outra homenagem. Eu queria pedir para que todos, de pé, a gente prestasse uma homenagem às vítimas das enchentes de Santa Catarina. Muito obrigado.

A premiação de hoje demonstra que o combate à pobreza e à fome não pode ser uma ação isolada do governo federal. Deve ser, e é fruto de uma extraordinária articulação federativa, na qual os estados e os municípios desempenham um papel fundamental.

Esta premiação demonstra, ainda, que o Bolsa Família, além de ser o maior programa de transferência de renda do mundo, e a garantia de uma vida mais digna para 11 milhões de famílias brasileiras, guarda muitas outras virtudes. Ele é também um laboratório permanente de prática de gestões inovadoras, de boas idéias que se tornam bem-sucedidas ações de inclusão social e redução das desigualdades históricas.

Trata-se, sim, de dar o peixe, porque ninguém, em sã consciência, pode admitir a existência de seres humanos famintos, tão desnutridos que já não encontram forças para lutar pela própria sobrevivência. Mas trata-se também de ensinar a pescar, de gerar oportunidades, de garantir às parcelas mais pobres da população direitos e oportunidades que lhe foram historicamente negados, e de interromper o ciclo de pobreza que passa de pai para filho, geração após geração, feito um mal hereditário.

Companheiros e companheiras,

Apenas para o 2º Prêmio Práticas Inovadoras na gestão do programa Bolsa Família, foram quase 700 inscrições vindas do Brasil inteiro, cada uma delas contando uma história de final feliz. Histórias que falam de acesso à educação e saúde, conquista da casa própria, capacitação para o mercado de trabalho, inclusão produtiva, e até mesmo acesso à universidade, sonho até pouco tempo impossível para muitas pessoas deste país.

Quero destacar os esforços de estados e municípios para levar o Bolsa Família aos mais excluídos entre os excluídos. Falo das populações de rua,



indígenas, quilombolas e famílias resgatadas do trabalho escravo. Nesses casos, o programa agrega mais uma importante função, além da transferência de renda. Torna-se um instrumento por meio do qual é possível reconhecer direitos e promover a justiça social.

Aproveito também a ocasião para cumprimentar a comunidade acadêmica pela sua participação no 1º Prêmio Nacional de Estudos sobre o programa Bolsa Família.

Seja pelo volume de famílias beneficiadas, seja pelos resultados que ele vem demonstrando em relativamente poucos anos, o Bolsa Família é, certamente, um vasto processo de transformação que vem despertando o grande interesse das comunidades científicas.

O que mais me traz alegria, contudo, é que os trabalhos inscritos neste Prêmio, certamente ajudarão nossos gestores a tornar o Bolsa Família ainda melhor. E farão isso ao contribuir para o aprimoramento, a sistematização e a divulgação do conhecimento produzido sobre o tema. Esta é mais uma demonstração de que o combate à pobreza e à fome é uma luta de todos.

Para terminar, quero dizer que é motivo de orgulho para qualquer governo entregar um prêmio cujo nome homenageia um brasileiro exemplar. Josué de Castro fez do combate à fome sua principal razão de viver. Nada mais justo que reconhecer e premiar aqueles que continuam sua luta.

O prêmio Josué de Castro recebeu a inscrição de 79 ações, todas da maior importância. São bancos de alimentos, restaurantes populares, cozinhas comunitárias, acesso à água para consumo humano em comunidades remotas, criação de animais de pequeno porte em território indígena, construção de cisternas e muitas outras ações que certamente deixariam Josué de Castro feliz.

O pensador saberia, como nós sabemos, que ainda há muito a avançar, ainda não resolvemos todos os nossos problemas, nem conseguimos atingir o grau de justiça social a que todos aspiramos. A felicidade de Josué de Castro



viria, sobretudo, de poder ver, no Brasil, tanta gente engajada no enfrentamento da fome e da pobreza. E tantas soluções criativas e solidárias, que estão mudando para melhor a vida de uma parcela significativa de nossa população.

Apenas um dado, um improviso muito curtinho aqui, para não atrapalhar o meu avião. Vocês estão acompanhando o noticiário dos jornais, e certamente vocês estão vendo uma crise muito forte que nasceu no coração dos chamados “países desenvolvidos” do mundo. Começou nos Estados Unidos, mas já chegou na Europa. E nós temos dito, sistematicamente, que o Brasil é o país mais preparado para enfrentar essa crise, porque nós temos um potencial de mercado interno que muitos países desenvolvidos não têm mais.

Nós tomamos algumas medidas iniciais, que foram muito importantes. A primeira medida que nós tomamos era tentar disponibilizar recursos do compulsório para irrigar o crédito no Brasil, para manter as pessoas comprando e as empresas produzindo. A segunda, foi ter uma atenção especial para a construção civil, ao permitir que as empresas que estão construindo, depois de 20 anos sem fazer muita coisa, continuem construindo, porque isso gera muito emprego e, portanto, gera também melhoria da qualidade de vida das pessoas. A terceira coisa que nós fizemos foi garantir capital de giro para a chamada pequena e média empresa que, muitas vezes, por conta de falta de dinheiro, não consegue tocar o seu dia-a-dia, fechando a empresa ou até dispensando trabalhadores.

Além dessas coisas que nós já tomamos atitude, teve uma que nós tomamos atitude que foi também irrigar os bancos que financiam a venda de automóveis, porque a indústria automobilística representa 24% do PIB industrial brasileiro e nós não queríamos que esse setor sofresse um revés muito grande por falta de dinheiro para emprestar aos consumidores.

Eu queria dizer isso para vocês porque, de vez em quando, aparece nas televisões e nos jornais o Presidente da República falando que as pessoas têm



que comprar. E é muito importante dizer isso para vocês, pelo seguinte: na medida em que todo mundo fala em crise, na medida em que você toma café de crise, almoça crise, janta crise, sonha crise, acorda com crise, de domingo a domingo, isso vai criando um determinado pânico na sociedade, ou vai criando muita dúvida na sociedade, as pessoas começam a se retrair.

Então, o trabalhador, aquele que trabalha, pensa assim: “Eu não vou fazer a compra da minha televisão, da minha geladeira, do meu carro, do berço do meu filho, do guarda-roupa novo, do material de construção que eu preciso, porque eu tenho medo de perder o emprego”. O que eu quero dizer é que ele corre o risco de perder o emprego se ele não comprar, porque ele não comprando, o comércio não encomenda para a indústria, a indústria não produz, não produzindo não tem emprego, e aí os trabalhadores correrão o risco de ficar sem o tão temido emprego, que ele tanto quer segurar.

Essa lógica da economia precisa ser muito mais forte no nosso país, porque nós estamos experimentando uma coisa de crescimento que a gente não pode abandonar. Nós temos um mercado interno muito forte, um mercado interno que pode crescer muito mais, porque no Brasil muita gente não tem ainda os bens que outros povos já têm: a casa, o carro, a televisão, a geladeira, o computador e tantos outros bens. Portanto, nós temos um mercado potencial para vender. Nós temos empresas com capacidade de produzir, e nós não estamos envolvidos na crise de crédito que os outros países estão.

Nós tivemos dificuldades, é verdade, mas a cada dia que passa, o crédito vem entrando mais ou menos em ordem aqui no Brasil. Num primeiro momento, todo mundo ficou com medo de emprestar dinheiro, e parece que muita gente sentou em cima do dinheiro que tinha. E nós, do governo, vamos fazer todo um esforço para não permitir que a economia brasileira seja desativada, porque nós demoramos 20 anos para conseguir crescer, não vamos jogar isso fora agora.



Então, é preciso encorajar os empresários a continuarem produzindo, os trabalhadores a continuarem consumindo, o comércio a continuar fazendo cada vez mais vendas a juros mais baratos, que o sistema financeiro reduza o preço dos juros. Também não é justo, com uma crise, aumentar juros, aumentar prestações, ou seja, nós vamos dificultar as pessoas a terem acesso aos bens materiais.

Eu estou dizendo isso para dizer para vocês que não haverá um centavo de corte em nenhum programa social que está em andamento neste país. Não adianta alguém dizer que o governo tem que gastar as suas despesas. O governo, no que se trata de custeio... nós vamos tentar cuidar para que o governo não gaste mais do que tem que gastar. Mas, em se tratando de política social, eu tenho consciência de que cada real que a gente transfere e que leva um benefício ao pobre, nós estamos fazendo um grande investimento neste país, que vai permitir a essas pessoas, cada vez mais, se transformarem em cidadãos.

Por último, aos premiados e às premiadas: possivelmente vocês não tenham dimensão do significado para nós, do governo, e eu acredito que sobretudo para o ministro Patrus, de uma pessoa que ganha um prêmio. Nós gostaríamos que tivessem cinco mil Prefeituras inscritas, que tivesse muito mais gente. Mas nós sabemos que tudo tem um começo, e as pessoas vão aprendendo e vão se aprimorando.

Eu agora, Patrus, mais ou menos no dia 15 de janeiro – eu não sei se é dia 15 ou um pouco mais ou um pouco menos –estou convocando uma reunião de prefeitos. Você viu que todo ano tem uma marcha de prefeitos aqui em Brasília, que me apresentam uma pauta de reivindicação. Eu, em janeiro, quero apresentar uma pauta de reivindicação do governo federal para os prefeitos. Por que eu quero fazer isso? Porque eu estou convencido de que as políticas públicas do governo federal só chegarão lá na ponta se os prefeitos estiverem engajados e se os governos dos estados estiverem engajados nessa política.



Eu vou dar dois exemplos aqui, que sempre me incomodam. Eu sempre falo para o companheiro Patrus: “Patrus, eu ando por lugares, no Brasil, e eu encontro gente pobre que não está recebendo o Bolsa Família”. Se a gente fez o Programa para ajudar as pessoas mais pobres, significa que o Poder Público não chegou àquela pessoa. Então, é preciso que agora que a gente já cadastrou todas as pessoas do perímetro urbano das cidades, que a gente vá aos grotões de cada cidade para saber quais as pessoas que ficaram de fora e a gente contemplar. O meu risco, o meu medo é de que tenha gente recebendo, que já não precisa mais receber – porque nós geramos 11 milhões de empregos neste país, nesse período – e que tenha gente que tenha que entrar e não está entrando.

Fiquei muito feliz ontem, porque o Patrus me apresentou uma nova lista de companheiros e companheiras que vão receber o Bolsa Família: são mais de 20 mil catadores de papel, são mais de 50 mil indígenas no País, são dezenas de milhares de companheiros quilombolas, que são a parte mais distante da sociedade, que possivelmente a gente ainda não tivesse atingido. Esse é um problema.

O outro problema é a questão da mortalidade infantil. O ministro Temporão já foi embora. Mas, na hora que a gente faz, pega o estudo do IBGE e vê o índice de mortalidade infantil no Brasil, e você vê que o Brasil tem 27 mortos por cada mil crianças que nascem, a gente percebe que na região Sudeste isso cai para 14, para 12, para 13, para 15, e que no Nordeste sobe para 47, no Norte sobe para 40. Essa média do Norte e do Nordeste aumenta muito o percentual da mortalidade infantil no Brasil. Se você pegar a desnutrição infantil, vai perceber a mesma coisa. Se você pegar o analfabetismo, vai perceber a mesma coisa. Quando você chega no Norte e no Nordeste, pula para um montante tão alto que ele desequilibra a média nacional.

Então, se a gente quiser resolver esse problema, de fato, não é o meu



companheiro Fernando Haddad que vai conseguir acabar com o analfabetismo, aqui de Brasília. Se a gente não tiver uma política combinada com os prefeitos, em cada cidade, para que cada prefeito sinta o desafio de sentir orgulho de, na sua cidade, não ter mais nenhum analfabeto, e sobretudo nas regiões mais pobres, a gente não vai conseguir vencer no tempo que nós precisamos vencer, essa parceria.

Uma outra coisa: desmatamento na Amazônia. Vocês, de vez em quando, pegam na imprensa: “aumentou o desmatamento na Amazônia”. O governo federal já tem mapeado. São poucos estados e 36 cidades onde acontece o grosso do desmatamento ou das queimadas.

Então, em vez de a gente ficar brigando pela imprensa, é melhor chamar os governadores desses estados e os prefeitos das cidades que têm mais queimadas e pactuar com eles uma política de co-responsabilidade, em que o prefeito seja o principal fiscal, na sua cidade, de evitar o desmatamento. Se nós conseguirmos fazer esse jogo combinado, em que o governo federal possa até repassar ajuda para que as coisas possam acontecer, nós não vamos resolver parte dos graves problemas, aqui de Brasília.

Eu já pedi ontem, na reunião ministerial, que cada ministro faça um levantamento das coisas que tem em parceria com o Poder Público municipal e que tem dificuldade. Para quê? Para a gente aperfeiçoar. Também não é culpar o prefeito, não. É a gente tentar descobrir a deficiência, porque a coisa não está andando tão rápido, para que a gente possa ajudar esse prefeito a cumprir com aquilo que é, no frigor dos ovos, o objetivo principal do governo, do estado e do município. Se a gente combinar esse jogo, eu acho que vai resolver parte dos problemas que nós ainda não conseguimos resolver.

Portanto, meus companheiros e minhas companheiras, (inaudível) que se tiver uma crise mais forte, a gente pode até não aumentar os benefícios, mas podem ter certeza de que não haverá crise no mundo que me faça tirar um centavo dos pobres que estão recebendo nesse instante, neste país.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado. Parabéns e boa sorte.

(\$211A)